

# Viagens da Saudade

## **Coordenação**

Maria Celeste Natário

Paulo Borges

Luís Lóia

## **Organização**

Cláudia Sousa

Nuno Ribeiro

Rodrigo Araújo

Porto

2019

FICHA TÉCNICA

Título: **Viagens da Saudade**

Coordenação: Maria Celeste Natário  
Paulo Borges  
Luís Lóia

Organização: Cláudia Sousa  
Nuno Ribeiro  
Rodrigo Araújo

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2019

ISBN: 978-989-8969-26-2

DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-8969-26-2/viag>

URL: <https://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1671&sum=sim>

Carlos Alberto M. Gomes Mota \*

### **Diálogo Teixeira de Pascoaes – Karl Jaspers**

**Resumo:** Este texto insere-se no tema do colóquio «As Viagens da Saudade». Procura-se um novo diálogo entre autores que viveram realidades diferentes mas nos fazem ver a importância da linguagem, da inteligência, da superação e do humanismo.

**Palavras-Chave:** Saudade, linguagem, inteligência, humanismo.

### **Dialogue Teixeira de Pascoaes – Karl Jaspers**

**Abstract:** This text is inserted in the theme of the colloquy «The Voyages of Saudade». A new dialogue is sought between authors who have lived different realities but make us see the importance of language, intelligence, overcoming and humanism.

**Keywords:** Saudade (Missing, longing), language, intelligence, humanism.

---

\* UTAD, Instituto de Filosofia da Universidade do Porto.

## Introdução

A problemática da saudade tem sido muito estudada e debatida, sobretudo, em Portugal, em torno da escrita de Teixeira de Pascoaes.

Julgo ser importante repensar tal questão em termos do questionamento referente à especificidade - ou não - da Saudade como algo «Português» ou apenas resultante do uso da Língua Portuguesa. É hoje consensual a frase de Ludwig Wittgenstein que afirmou: «Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo».

De facto, se formulamos um símbolo para representar algo, tal significa que esse algo simbolizado tem inegável valor no nosso «mundo». O que não concebemos não será simbolizado, isto é, traduzido pela linguagem. Por outro lado, quanto mais rica a linguagem é «maior» é o nosso «mundo». Uma criança atual compreende facilmente o conceito de Zero, que, no entanto, não foi compreendido durante muito tempo. Isso deve-se a que «Zero» é um substantivo que designa «a inexistência»; porém, fazemos muitas contas no nosso «mundo» usando o Zero. Isso deve-se a que o conhecimento humano é um produto coletivo e acumulativo, o que só é possível porque temos linguagem - passada para suportes fora dos nossos cérebros, o que nos dispensa de memorizar. Hoje, de resto, os suportes de manutenção da linguagem são múltiplos, dada a evolução tecnológica. A Matemática é atualmente considerada um conjunto de linguagens, não uma ciência, porque a Matemática opera com entidades ideais, produto da mente humana. Se pensarmos nos números negativos, temos uma «realidade» absurda: o «menor que o nada»; se pensarmos em infinito, verificamos que há conjuntos infinitos que podem estar contidos noutros conjuntos (o que significa a existência de «tamanhos» no(s) infinito(s)). O conjunto de números inteiros positivos (os números naturais) é infinito. Podemos sempre adicionar +1 a qualquer número. Porém este conjunto, pode dizer-se contido num que abarque Zero ou os números negativos. Os números imaginários (como raiz de -1) aparentemente impossíveis pelas regras da própria matemática, pois nenhum número elevado ao quadrado é negativo, são amplamente usados em cálculos correntes. Um símbolo é, de facto, a representação de uma realidade na sua ausência. Assim, tanto o símbolo desenhado (um círculo do qual irradiam pequenos traços, por exemplo) pode entender-se como uma representação do Sol, como a representação de Sol de forma escrita.

A palavra (conceito traiçoeiro) representa também as nossas realidades, ou seja, o nosso mundo.

Se nascemos cegos, poderemos entender a realidade colorida que nos rodeia? Como interpretaremos a palavra «verde» e a diferenciamos da palavra «azul»?

Cabe neste passo referir que Pascoaes sempre defendeu como «português» o sentimento de Saudade. Hoje devemos alargar essa noção, desde logo a todos os falantes de Português como língua materna<sup>108</sup>.

Para Pascoaes, «A Saudade seria a velha lembrança gerando um novo desejo». A Saudade era assim - qual Batalha de Ourique - um elemento fundacional da psique portuguesa, explicativa da tristeza, melancolia, características de personalidade introvertida, pouco dada a manifestações ruidosas, fruto da perda de entes queridos, mas também da visão do mundo, de uma visão ampla desse mundo, que nos engrandecia, mas também nos tornava tristes pelo desejo (o «novo desejo») de o revermos. Pascoaes foi influenciado por Carl Gustav Jung, o fundador da Psicologia Analítica. Jung considerou a existência de um «Inconsciente Coletivo» do qual, cada um de nós deixava ver alguns aspetos. A explicação de Freud baseada no Inconsciente Individual e na importância central da sexualidade na definição da personalidade foi considerada errada por Jung. Os «arquetípos», para ele eram os traços comuns de todos os humanos. Por que razão, em África, estando calor, as pessoas se sentem melhor à volta de uma fogueira, mesmo na ausência de animais que as possam atacar? Jung diria que o fogo representava em todos os humanos a segurança, a remota lembrança, retida no Inconsciente Coletivo que todos partilhamos, mesmo antes de sermos humanos como agora, desde que o Homem conseguiu fazer fogo e usá-lo para afastar predadores, bem mais fortes fisicamente. Esta teoria acentua a importância da inteligência em relação à força física.

Dizia que Pascoaes foi um Jungeano. É o que parece ao retermos a sua poesia. O que acabámos de afirmar transparece em «Elegia do Amor», obra belíssima do poeta.

Lembras-te, meu amor,  
Das tardes Outonais,  
Em que íamos os dois,  
Sozinhos, passear,  
Para fora do povo  
Alegre e dos casais,  
Onde só Deus pudesse  
Ouvir-nos conversar  
(...)?(...) Assim o que partiu

---

<sup>108</sup> A Revista *A Águia*, registou uma polémica entre António Sérgio e Pascoaes sobre a Saudade, na sua 2ª série entre 1913 e 1914. Interessa aqui referir o conceito pascoalino de Saudade.

Em frágil caravela,  
E andou por todo o mundo, Traz, no seu  
coração,  
A imagem do que viu<sup>109</sup>.

Neste poema - muito possivelmente dedicado a alguém que o poeta amou e que faleceu - pois termina com:

Mas ai,  
Tu não voltaste  
E Eu regressei ao Mundo.

exprime-se o que qualquer português identifica com Saudade. Porém, a outra face da Saudade «a velha lembrança gerando o novo desejo» encontra-se em:

Assim o que partiu  
Em frágil caravela,  
E andou por todo o mundo,  
Traz, no seu coração,  
A imagem do que viu.

A Saudade descrita por Pascoaes é coletiva; nela há tristeza, mas há também grandeza e exaltação pela experiência de ter pelo mundo viajado, tendo disso igualmente Saudade, mas num sentido positivo, o querer repetir essa vivência.

O conceito central da psicologia analítica [de Jung] é a individuação - o processo psicológico de integração dos opostos, incluindo o consciente e o inconsciente. Enquanto outros autores dividiram a existência humana em inúmeras fases, Jung resumiu-as a duas. Até aos 40 anos o humano vive a «Fase da Natureza» e tem medo da vida; depois dessa idade vive a «Fase da Cultura» e tem medo da morte. Tal como Jung, que influenciou Pascoaes, Karl Jaspers pretendeu igualmente integrar ciência e pensamento filosófico. Jung era um indivíduo interessado em Filosofia oriental ou até em ocultismo; foi considerado um místico. É curioso notar que tanto Jaspers como Jung foram médicos. Karl Jaspers quis integrar na ciência o pensamento filosófico porque as ciências são por si sós insuficientes e necessitam do exame crítico que só pode ser dado pela filosofia que se deve ocupar da análise do homem concreto. Jung foi acusado de simpatias nazis, mas os seus livros foram queimados e proibidos na Alemanha de Hitler. Considerou que o nacional-socialismo

---

<sup>109</sup> PASCOAES, Teixeira de, *Obras Completas*, Bertrand, s.l. s.d., p. 172-176.

era uma manifestação do mal presente no Inconsciente Coletivo. Jaspers proferiu uma série de conferências no final da 2ª Guerra Mundial, compiladas em «A questão da culpa: A Alemanha e o Nazismo<sup>110</sup>.» Jaspers que foi perseguido durante o nazismo por ser casado com uma judia. O seu livro é considerado crucial na formulação da questão da culpa e da consciência moral. Fala em quatro tipos de culpa (criminal, política, moral e metafísica) para concluir que a pior culpa é a moral: cada um é responsável pelos seus atos. A culpa criminal é objetiva, a política é determinada pelo vencedor, a metafísica decorre de se viver em solidariedade o que nos torna corresponsáveis. A verdadeira culpa é a moral pois somos responsáveis pelo que fazemos independentemente de cumprirmos ordens. Jaspers afirma que nenhuma realidade é mais essencial para a nossa autocertificação do que a História<sup>111</sup>. Acrescenta que o curso da História, ora surge com o aspeto de uma trituradora a que ninguém pode resistir, ora se apresenta prenhe de infinitas possibilidades de interpretação (...)112. Como escreveu Pascoaes sobre D. Carlos? Poesia saudosista?

Ó meu Rei de fantástica memória.  
Passo a vida a rezar a tua história  
Tão verdadeira  
E sobrenatural!  
Eu rezo a tua infância aventureira,  
Tua morte num trágico areal...  
Rezo a tua existência transcendente,  
Numa ilha de névoa, ao luar nascente,  
Encantada nos longes da Natura...  
E rezo a tua vinda anunciada  
Dentre as brumas daquela madrugada  
Que virá dissipar a noite escura...<sup>113</sup>

É curioso notar como tantos pensadores se inclinam para Deus, para o inexplicável assim tentando encontrar uma explicação. O Presidente *sozinho* diz:

Não é a hora da morte; é a hora da vida! da vida eterna!...Se não há outra vida, se há só esta vida e tudo acaba aqui, acabam-se com ela os nossos crimes.<sup>114</sup>» Hitler disse uma vez a Albert Speer: «Sabe, tem sido o nosso infortúnio termos a religião errada. Por que não pudemos ter a religião dos japoneses, que consideram o sacrifício pela Pátria como o bem maior? A religião maometana também teria sido muito mais compatível connosco do que o cristianismo. Porque é que teve de ser o cristianismo, com a sua

---

<sup>110</sup> JASPERS, Karl, *A questão da culpa: A Alemanha e o Nazismo*, Editora S. A., s.l. 2018.

<sup>111</sup> JASPERS, Karl, *Iniciação Filosófica*, Guimarães Editores, s.l. 1981, p. 91.

<sup>112</sup> JASPERS, *Iniciação Filosófica*, op. cit. p. 99.

<sup>113</sup> PASCOAES, Teixeira de, *D. Carlos drama em verso*, Assírio e Alvim, Lisboa 2010, p. 107.

<sup>114</sup> BRANDÃO, Raul e PASCOAES, Teixeira, *Jesus Cristo em Lisboa tragicomédia em sete atos*, Assírio e Alvim, Lisboa 2007, p. 80.

mansidão e flacidez?» (...) o facto de as crianças alemãs serem ensinadas que Hitler era “enviado por Deus” e era a sua “fé” e “luz”<sup>115</sup> tudo isto confirma que Hitler era visto não tanto como um político normal e sim como um profeta tocado pelo divino. O que aproxima Teixeira de Pascoaes a Karl Jaspers é que a existência humana está vinculada situação: existir é ultrapassar numa liberdade que pode provir do pensamento, da linguagem. A existência humana não é um “objecto” e os seres humanos nunca podem ser reduzidos a objetos, sob pena de se cometerem, com tal redução os mais horrendos crimes.

## Conclusão

Não se pode acreditar, nos nossos dias, que existam palavras absolutamente impossíveis de traduzir, pois tal significaria que havia realidades incompreensíveis para povos inteiros. A palavra alemã «kitsch» é muitas vezes considerada impossível de traduzir. Porém, é aparentada com «cheesy» em Inglês. De resto, compreende-se o seu sentido: algo de mau gosto, sem qualidade, a que muitas vezes, em Português europeu chamamos «piroso».

Sabe-se que «Saudade» existe noutras línguas, como o Italiano, catalão, romeno, sueco ou islandês. Mas mesmo não existindo noutras línguas há formas de atuar sobre a linguagem, que a mente humana usa, para que um sentimento tenha representação. Um chinês tem, de certeza, saudades, no sentido de Pascoaes. Trata-se, como vimos de um sentido duplo, de tristeza pelo que não volta e se perdeu mas também de desejo esperançoso de um retorno.

## Referências bibliográficas

BRANDÃO, Raul e PASCOAES, Teixeira (2007), *Jesus Cristo em Lisboa tragicomédia em sete atos*, Lisboa: Assírio e Alvim.

JASPERS, Karl (1981), *Iniciação Filosófica*, [s. l.]: Guimarães Editores.

JASPERS, Karl (2018), *A questão da culpa: A Alemanha e o Nazismo*, [s. l.]: Editora Todavia.

PASCOAES, Teixeira de (s.d.), *Obras Completas*. [s. l.]: Bertrand.

PASCOAES, Teixeira de (2010), *D. Carlos drama em verso*, Lisboa: Assírio e Alvim.

REES, Laurence, *O Carisma de Hitler*, Amadora: Vogais, 2018.

Revista Águia:

António Sérgio: Epístola aos Saudosistas (2ª série, nº 22, abril de 1913);

António Sérgio: Regeneração e Tradição, Moral e Economia, (2ª série, nº 25, janeiro de 1914);

António Sérgio: Pela Pedagogia do Trabalho, (2ª série, nº 27, março de 1914);

António Sérgio: Despedida de Julieta, (2ª série, nº 28, abril de 1914);

António Sérgio: Explicações necessárias do homem da espada de pau ao arcanjo da espada de um relâmpago, (2ª série, nº 30, junho de 1914);

António Sérgio: O Self-Government e a escola (2ª série, nº 30, junho de 1914);

António Sérgio: O Self-Government na escola I (2ª série, nº 31, julho de 1914);

António Sérgio: O Self-Government na escola II (2ª série, nº 32, agosto de 1914);

---

<sup>115</sup> REES, Laurence, *O Carisma de Hitler*, Vogais, Amadora 2018, p.121.

António Sérgio: O Self-Government na escola III (2ª série, nº 33, setembro de 1914);  
António Sérgio: O Self-Government na escola IV (2ª série, nº 34, outubro de 1914);  
Teixeira de Pascoaes: Resposta a António Sérgio, (2ª série, nº 25, janeiro de 1914);  
Teixeira de Pascoaes: Última carta? (2ª série, nº 28, abril de 1914);  
Teixeira de Pascoaes: Mais palavras ao homem da espada de pau, (2ª série, nº 31, julho de 1914).